

PAISAGENS URBANAS – IMAGINÁRIO NA FASE ATUAL DA GLOBALIZAÇÃO

URBAN LANDSCAPES – IMAGINARY IN GLOBALIZATION AGE

Miranda Martinelli Magnoli *

RESUMO

Este ensaio descreve, por meio de anotações muito sintéticas, o tema muito complexo e abrangente da interação, no espaço e no tempo, entre a globalização com urbanização e o meio ambiente. Discorre-se por meio de três abordagens para cada um dos dois aspectos. A inter-relação entre a globalização com urbanização e o patrimônio ambiental é o cerne das reflexões. A compressão do espaço-tempo com a conectividade universal, associada às mudanças na compreensão mundial do ambiente, fizeram emergir as mudanças na percepção, no imaginário, na diversidade da cultura urbana, no espaço construído de nosso ambiente, no cotidiano das paisagens urbanas. O contexto da época contemporânea levanta desafios na construção do conhecimento, nas pesquisas e no ensino no campo da paisagem.

Palavras-chave: Globalização. Urbanização. Imaginário. Percepção. Paisagens urbanas. Ensino. Pesquisa. Desafios.

ABSTRACT

This essay proposes, by sketch short notes, the theme of interaction between globalization with urbanization processes and the environment. The two aspects, considered essential by the author, are focused by three approaches. Time-space compression brought about by new technologies was accompanied by the simultaneous expansion of time and space in the imagination, the built-space of our environment and the urban landscapes. The context about contemporary age place a challenge in academic research and on teaching in landscape field.

Keywords: Globalization. Urbanization processes. Imaginary. Perception. Urban landscapes. Teaching. Research. Challenges.

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2013, um convite do prof. dr. Ayrton Bueno, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para participar das atividades do Seminário Científico Interno do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ), levou-me a proferir uma palestra e, posteriormente, a redigir um texto com reflexões sobre as mudanças relativas à construção do campo disciplinar do Paisagismo.

A escolha do tema relacionou-se ao fato de que a construção do campo disciplinar da área de Paisagem e Ambiente foi o cerne da minha contribuição, desde os idos da

* Arquiteta, professora titular de paisagismo do Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Rua do Lago, 876, 05508-080, Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil.
mmemm@uol.com.br

década de 1970 (do século XX à virada para o XXI), junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). A palestra e o texto são a origem das atuais considerações.

Na época, procurei identificar os dois aspectos básicos de mudança da construção do campo disciplinar: **a globalização com urbanização e o patrimônio ambiental**. Na palestra, a expressão “sociedade contemporânea, de cultura urbana, em um pequeno planeta” sintetizou os dois aspectos. Procurar desenvolver e sintetizar esse tema – complexo e abrangente – no espaço e no tempo exigiu cuidadosa e depurada seleção de cada um dos aspectos. Exigiu, também, que fosse significativa a interação entre os mesmos.

Utilizei três aproximações para cada aspecto básico de mudança. As abordagens sobre a globalização com a urbanização identificam a primeira globalização, iniciada no século XVI, com o Novo Mundo de Colombo, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães. A segunda abordagem identifica o primado da técnica sobre a natureza. Finalizo este primeiro aspecto abordando a fase atual da globalização, com a característica de conectividade instantânea – para cada vez maior número de pessoas.

As abordagens sobre o patrimônio ambiental destacam a crise no uso da natureza, a transformação do ambiente em paisagem e as responsabilidades globais para a preservação do patrimônio ambiental. A globalização e a urbanização, sob o impacto da ciência e das técnicas, conduziram a espaços hiperconectados. As questões do ambiente, por caminhos ainda difíceis e lentos, procuram a valorização das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais, com o uso da ferramenta da diplomacia ambiental entre as nações do mundo.

A imbricação entre os dois aspectos básicos de mudança constitui o fio, o “fio de Ariadne”, do contemporâneo, da cultura urbana em um pequeno planeta. No campo disciplinar, ambos os aspectos constituem o cerne das reflexões. A ligação estreita, a imbricação, a inter-relação entre os dois aspectos foi uma busca difícil para mim.

O surto vertiginoso das transformações tecnológicas diminuiu as distâncias por meio das mudanças na comunicação. A percepção do tempo se alterou, quase se aboliu; as referências de espaço ficaram obscurecidas. Tudo pareceu transformar-se em uma coisa só em todo o planeta. Mas será preciso que estejamos atentos para observar, analisar e refletir – criticamente – os aspectos da densa conectividade da rede de informações e comunicações pela perspectiva do nosso país. Os tempos, geológicos e históricos, se acumulam sobre os espaços, manifestando-se em paisagens. E estas contêm o passado, o presente e – a partir de nossas ações – o futuro do país. Fui levada a observar as significativas mudanças de contexto e os desafios das novas realidades com as repercussões na percepção das cidades, dos lugares de vida, do imaginário, das paisagens.

Foi a presença daqueles jovens cidadãos, colegas – arquitetos e docentes com os quais trocava ideias no Seminário –, que me levou a rever o contexto em que cresceram e vivem: o contemporâneo. E ainda – e não menos importante – avalio que somos todos instigados à reflexão sobre o desafio de potencializar as singularidades brasileiras

de tropicalidade, continentalidade, interculturalidade, oralidade, empreendedorismo... diminuindo desigualdades, carências, prejuízos. Contexto, repercussões, desafios... só consigo ensaiar algumas indicações...

Em 2015, ao preparar o texto para esta publicação, a convite do professor Silvio Soares Macedo, tivemos a oportunidade de, juntos, reavaliá-lo. Posteriormente, o professor introduziu as imagens que ilustram estas reflexões – sendo suas contribuições valiosas para a finalização deste artigo.

A GLOBALIZAÇÃO COM URBANIZAÇÃO A PAISAGEM DA DESCOBERTA E A DESCOBERTA DA PAISAGEM

O mar, no mundo ocidental do século XV, limitava-se aos espaços do Mediterrâneo. Mas em um povo – o português –, que se habituara à vida das bordas do Atlântico, nas cercanias das águas que se perdem na linha do horizonte, a onipotência da natureza provocava estranha mistura de admiração e temor.

Não faltava aos portugueses o fascínio, a ideia da aventura, o desejo pelas terras ricas e fabulosas de contos antigos e novos, a paisagem de lembranças de memórias transcritas por Marco Polo. Do mar Mediterrâneo, das costas de Ceuta, bordejando a África, por anos velejando, implantam entrepostos comerciais. As marés, o sol deslumbrante, o céu do Equador e, logo mais, ao sul, o imenso dossel das estrelas. Dias e dias com o azul infinito do céu e do oceano a fundir-se em uma só concavidade azul. Cabo Verde, o perfume, percepção olfativa. A formosura das matas, plantas desconhecidas, floridas de outras flores, e estranheza, não perdiam as folhas. Dias e noites sempre iguais no verão e no inverno. As águas, voluptuosamente cálidas, límpidas, tépidas... Percepção visiva, cromático verde em exuberante vegetação, aves e pássaros outros, novas sonoridades... Desconcertantes as muitas novidades dessa natureza, e muito mais estranheza, as pessoas são a outra percepção cromática...

No Algarve, o infante D. Henrique reúne uma comunidade cosmopolita e multicultural de sábios e técnicos – é a grande empresa portuguesa de navegação de longo curso. É daí que avança sobre o desconhecido, numa aventura transoceânica que revolucionaria para sempre o planeta; pela primeira vez configurou-se, na consciência dos homens, a imagem do planeta.

Portugal, o cais por excelência da Europa, foi o ponto de partida. Lisboa, internacional na época, com vários representantes de interesses comerciais, principalmente genoveses. Da costa marroquina, os portugueses haviam avançado pelos arquipélagos da Madeira, dos Açores, das Canárias e do Cabo Verde e pelo litoral atlântico da África. As marés, o céu do Equador e do hemisfério Sul, as estrelas, o Cruzeiro do Sul, outros povos e espaços. Misturam-se gens, vestes, gestos, fazeres culinários, materiais, técnicas, maneiras de construir, mobiliários... muitas as percepções, o imaginário, as implicações culturais.

Muitas narrativas foram escritas das viagens de Colombo e do périplo português para o Oriente e para a América. Por mais lenta que fosse a difusão de notícias na

época, seriam assimiladas pela cultura europeia. As crônicas, devido às emoções suscitadas pelas estranhas e novas observações, instigavam a subjetividade da visão; a seleção do ver interpretava novas imagens, aguçava a percepção peculiar ao novo.

Magalhães passa do Atlântico ao Pacífico ultrapassando a Patagônia em difícilíssima viagem, entre violentas tempestades e altas montanhas cobertas de neve. Progressivamente, controlam-se novas rotas oceânicas em viagens de descobrimento, em iniciativas comerciais e empresas de pirataria. É a realidade de novos mundos perante a cultura europeia. Esta foi considerada a “globalização pioneira”: produziu os sistemas mercantil e colonial, que integraram as Américas, a África e o Oriente às redes de comércio comandadas pelas potências europeias.

Em uma leitura menos usual das narrativas feitas dos textos de Colombo, e de muitos outros textos advindos do “Novo Mundo”, é fundamental indicar as descrições paisagísticas – feitas como sendo o surgimento inicial, a primeira emergência, mesmo que confusa, da **noção moderna de paisagem**.

O Renascimento português aflora nos mares. Na Itália, o Renascimento libera a arte visual da dependência religiosa ao soltar-se dos murais e paredes das igrejas; migra para as telas e se torna portátil. É um período em que as pessoas, por séculos bastante isoladas, voltam a compartilhar ideias, conhecimentos. A invenção da perspectiva, no séc. XV, como uma maneira de criar a ilusão de profundidade numa superfície bidimensional é uma nova e importante técnica aperfeiçoando a percepção do espaço visual. Os arquitetos, por via do estudo de Brunelleschi e Alberti, identificam com a perspectiva a característica pela qual o campo visual passou a ser centrado do ponto de vista humano. (JOHNSON, 2001, p. 155).

É pela carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1º de maio de 1500, que Manuel I, o Venturoso, fica sabendo que seu reino havia crescido consideravelmente. Foram necessários 53 dias para que a notícia chegasse a Lisboa.

OS POVOS, NA AMÉRICA PORTUGUESA, NA APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO

Os povoamentos anteriores à chegada dos portugueses, apesar de testemunhos da cultura mais ancestral conhecida nas Américas, não tem sido considerados. Novas pesquisas procuram entender *Luzia*, a tecnologia da fala, a coivara, as cerâmicas, os sambaquis, os grafismos rupestres, suas manifestações, significados e impactos.

Poucos conhecem, no Piauí, o parque nacional da serra da Capivara, criado em 1979. Avalia-se a existência de populações no local há cerca de 48 mil anos. Seus Patrimônios Físico, Ecológico e Pré-histórico abrangem superfície aproximada de 129 mil hectares, em São Raimundo Nonato e outros municípios. Interessante notar que o *Homo artisticus* se manifestava há dezena de milhares de anos!

Pela carta de Pero Vaz de Caminha, sabemos que os primeiros novos moradores da colônia, vindos nas caravelas de Cabral, foram dois degredados que o comandante determinou ficassem na terra, e também dois grumetes “[...] que se saíram desta nau no esquife fugidos para a terra, e não vieram mais”. Enquanto os dois degredados foram obrigados a desembarcar e sobreviver à própria custa no local, é importante observar que “[...] os dois grumetes se arrojaram em terra por sua conta”. Foram, por vontade própria, em um percurso para o desconhecido, atraídos pela busca de novos caminhos; cortavam as amarras com a vida anterior; determinavam-se a empreender, a construir, pelas próprias capacidades, mudanças na jornada de vida. (CALDEIRA, 2009, p. 168). Seriam os primeiros empreendedores!

Portugal e Espanha, como potências colonizadoras, estabeleceram povoados, “vilas”, que, além do controle econômico, permitiam o controle político do território das colônias. As primeiras tornaram-se cidades portuárias, correspondendo a funções de extração e envio de riquezas para a metrópole. E a primeira riqueza foi o “verzino” (palavra do dialeto florentino, talvez vinda do árabe): tinha-se um produto de exportação, primeiro fruto natural da terra: “uma planta para tingir de amarelo e principalmente de vermelho”. Nas muitas rotas comerciais para os mercados europeus de manufatura e tingimento de tecidos, o importante corante passou por *bressil*, *bracili*, *brazili* e... como pau-brasil se eterniza no “Brasil”.

Inicialmente, os habitantes do novo território foram portugueses e índios; estes, muitos e diferentes. Os africanos foram trazidos a partir de meados do século XVI. Até o século XVIII, o caldeamento foi de europeus, majoritariamente portugueses, com negros, bantos e índios – predominantemente tupis. A apropriação do território pela sociedade que se formava na América portuguesa configurou-se, por longo tempo, em novas paisagens no extenso litoral e, ainda, nos interiores, mas de maneira esparsa, na vastidão do território, em corredores desarticulados.

As paisagens se configuraram com a criação de vilas e cidades (REIS FILHO, 2000a); representavam a empresa colonial, cuja economia era de cultivo de bens de exportação. O assentamento lusitano na fronteira atlântica foi implantando, com muitas dificuldades, contendas e oposições.

No mais extenso litoral inter e subtropical do mundo, uma longa e estreita faixa – cerca de 8 mil quilômetros (AB’SABER, 2001) –, a criação e manutenção de diversas vilas levaram a muitas lutas e mortes de indígenas, portugueses e franceses; os povos, quando se conseguiam manter nas franjas do litoral, deveriam defender-se contra piratas e invasores estrangeiros. Sergio Buarque de Holanda, ao difundir a ideia do “arranhar” do “caranguejismo”, não considerou adequadamente os fatos históricos. Fortalezas, fortes, feitorias foram construídos; são fatos muito visíveis, parte da história territorial do país, da construção do “corpo da pátria”. (MAGNOLI, 1997).

A posição dos índios do Brasil no contato comercial com os europeus é pouco conhecida. É interessante conhecer o relato e, ainda, refletir que a preservação da natureza era uma realidade tupi-guarani, como ressalta Caldeira. “O francês Jean

de Lery registrou, em 1556, uma conversa com um índio tupinambá; este perguntava “sobre o destino das cargas de pau-brasil que se embarcavam nos navios. Lery explica que se destinavam a um comerciante ou, caso este morresse, a um seu herdeiro. O nativo retrucou: “na verdade vejo que vós sois grandes loucos pois atravessais o mar sofrendo grandes incômodos e trabalhais tanto para acumular riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobreviverem. Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos, mas estamos certos que depois de nossa morte, a terra que nos nutriu também os nutrirá e, por isso, descansamos sem maiores cuidados”. (CALDEIRA, 2009, p. 207-208).



Litoral paulista, SP, Brasil
Foto: Silvio Macedo – 2014



Situada em uma colina a cavaleiro do mar, a cidade de Olinda usufruía da proteção estratégica das alturas – uma tradição das cidades coloniais portuguesas da costa brasileira. Olinda, PE, Brasil. Foto: Silvio Macedo – 2014

A frase do índio tupinambá para Lery, em 1556, exprime:

[...] uma máxima moral sobre valor: a natureza produz tudo aquilo que se pode usar e por isso o trabalho produtivo do homem deve ser restrito a retirar dela o mínimo necessário para a vida, deixando o máximo intocado para os viventes de amanhã. (CALDEIRA, 2009, p. 208).

Em antigos tempos, manifesta que natureza é valor – e sua preservação, importante.

UMA NOVA PAISAGEM: A “PAISAGEM TECNOLÓGICA” PASSAGENS ENTRE MARES

O canal de Suez conecta os mares Mediterrâneo e Vermelho por um projeto do engenheiro Ferdinand de Lesseps. É um percurso retilíneo – executado de 1859 a 1869 por um milhão e meio de egípcios – que corta o deserto, com 163 quilômetros e 70 a 125 metros de largura. Uma linha de água e de trânsito se insere entre o domínio da aridez e da solidão. É esta linha que, ao reduzir a distância, aproxima a Europa do Oriente. Esta linha de água, entre 1876 e 1890, tem seu trânsito triplicado: regiões distantes passam a ter seus produtos valorizados e se constituem em novos mercados; aumentam muito as trocas entre os mercados.

O canal do Panamá assegura o deslocamento entre os oceanos Atlântico e Pacífico. É um percurso de 80 quilômetros e 33 metros de largura que corta a paisagem da floresta da América Central. Apesar de mais curto e mais estreito, executado entre 1879 e 1905, apresentou problemas estruturais mais complexos. Foram necessárias grandes eclusas para superar a diferença de nível entre os dois oceanos e equipamentos pesados e sofisticados para adaptar as diferentes conformações geológicas e de relevo do terreno. Foi preciso obter maior contribuição de capitais e mão de obra para assumir a execução final, cujo controle e responsabilidade seriam dos Estados Unidos.

PERCURSOS EM FERROVIAS E ESTRADAS

A estrada de ferro transcontinental, que ligou Nova York a San Francisco, e a estrada de ferro transiberiana são intervenções de caráter continental. O desenvolvimento de novos meios de transporte, como os transatlânticos, e dos transportes terrestres – trens expressos, carros, caminhões, motocicletas –, impõe grandes transformações, com novas integrações e incorporações. Também se desenvolvem novos meios de comunicação, como o telégrafo com e sem fio, o rádio, os gramofones, a fotografia, o cinema.

Emblemáticos são os túneis transalpinos – de importância estratégica para grande parte da Europa. O túnel de Frejus, inaugurado em 1871, assegurava a ligação direta entre a Grã-Bretanha e a Índia, ao integrar a ferrovia no trajeto marítimo pelo canal de Suez. O percurso marítimo Londres-Cabo da Boa Esperança-Bombaim era substituído pelo percurso ferroviário-marítimo Londres-Calais-Brindisi-Suez-Bombaim. O túnel de San Gottardo, aberto em 1882, articulava a rede ferroviária alemã com o porto de Genova.

NOVAS FORMAS DO URBANO

São muitos os novos aglomerados urbanos; novas cidades absorvem o grande aumento da população. Surgem as fábricas, os operários fabris, os distritos e as cidades industriais. É intenso o deslocamento de levas de populações que migram para outros países e regiões. Transforma-se a paisagem urbana.

Grandes transformações, de caráter mundial, são resultados de fatos históricos complexos que se iniciaram na Inglaterra com a Revolução Científica Industrial. À diferença da primeira Revolução Industrial, de um século antes, esta baseou-se em avanços científicos e tecnológicos com impactos maiores e mais rápidos na sociedade nacional e internacional, além dos efeitos impressionantes que vieram a revolucionar o cotidiano das vidas e perspectivas das pessoas. Depois de 1870, a era do carvão e ferro, origem da revolução anterior, foi substituída pelo aço, eletricidade, petróleo e produtos químicos.

A integração de diversas transformações é a principal característica do período. É emblemático o papel das rotas estratégicas dos navios a vapor de grande porte que se articulam com ferrovias e estradas e se comunicam pelo telégrafo com portos marítimos e portos “secos”.

Aquelas conexões por mares e oceanos, desenvolvidas pela empresa portuguesa, da primeira globalização, passaram por grandes mudanças em muitas de suas partes; estas, em adaptações sucessivas, foram se integrando em um novo todo; este processo, paulatinamente, transformou todas as realidades existentes.

As descobertas científicas criaram novas indústrias, mas a inter-relação entre elas foi fundamental para o aparecimento de outras variedades de indústrias. É o caso da introdução da eletricidade como fonte de luz, calor e força, e sua posterior acessibilidade ampliada, que transforma a indústria química. O diálogo entre os conhecimentos das ciências e as indústrias que despontavam traz novas incorporações. Exemplo é o caso do petróleo, material que passa a ser valorizado como nova fonte de energia, e, com os avanços da química, origina a petroquímica.

São invenções devidas, especialmente, à aplicação do conhecimento científico na indústria com o uso de novos materiais e novas fontes de energia. Por exemplo, a produção de alumínio, que logo seria importante para desenvolver a indústria aeronáutica, que despontava, passou a ser comercialmente viável com a introdução do processo eletrolítico desenvolvido em 1886.

Na medicina, só depois de 1870 teve lugar a aplicação prática de experiências básicas já realizadas, mas que aguardavam avanços da química e a modernização da farmácia. Mudanças na agricultura – com maior produção de alimentos e novos métodos de conservação, higiene e nutrição – seriam fundamentais para atender a ascensão da curva demográfica. O fornecimento e a distribuição de alimentos em maior quantidade e mais baratos contavam com os sistemas ferroviários e marítimos, de navios de grande tonelage, equipados com as novas técnicas de refrigeração.

São novas escalas do espaço e do tempo que se incorporam no desenvolvimento dos transportes oceânico, terrestre e de comunicação. Lugares novos e distantes fariam parte das transformações do mapa mundial com a exportação de mercadorias industriais e importação de matérias-primas.

A dimensão geopolítica da globalização da era industrial consistiu na colonização europeia da África e da Ásia e, em grau menor, na expansão colonial japonesa no Extremo Oriente. Fluxos de mercadorias seguiam os fluxos de capitais. A sua dimen-

são demográfica evidencia-se pelos fluxos de imigrantes europeus dirigidos para as Américas, a Oceania e algumas áreas da África do Sul e Argélia. As mudanças nos meios de transporte possibilitaram que terras distantes fizessem o que áreas próximas jamais haviam feito antes, ora cultivando produtos agrícolas do outro lado do mundo, ora acomodando trabalhadores em moradias nos subúrbios. Índices elevados de produtividade possibilitaram que maior quantidade de alimentos fosse produzida em extensões menores de áreas cultiváveis. Maneiras engenhosas e maneiras perversas fizeram parte do processo de expansão da riqueza de alguns países; ferrovias, subúrbios, fertilizantes artificiais, arranha-céus e, também, a opressão e espoliação de populações colonizadas.

O caráter da paisagem urbana se altera radicalmente na virada do século XIX. Em alguns países, se dá mais tardiamente, no século XX, e essa transformação se expande pelo mundo, a ideia de “construir alto e grande!”. Arranha-céu, significativo velho nome, foi o produto mais visível das paisagens urbanas de novas tecnologias dos finais do século XIX. Esse é um período bastante conhecido; “alto e grande”, inicialmente tão difícil para ser aceito, passou a ser não só a tendência, mas, com o tempo, o desejo, a marca do internacional!



Remanescentes da arquitetura colonial portuguesa. Phuket, Tailândia.
Foto: Silvio Macedo – 2015



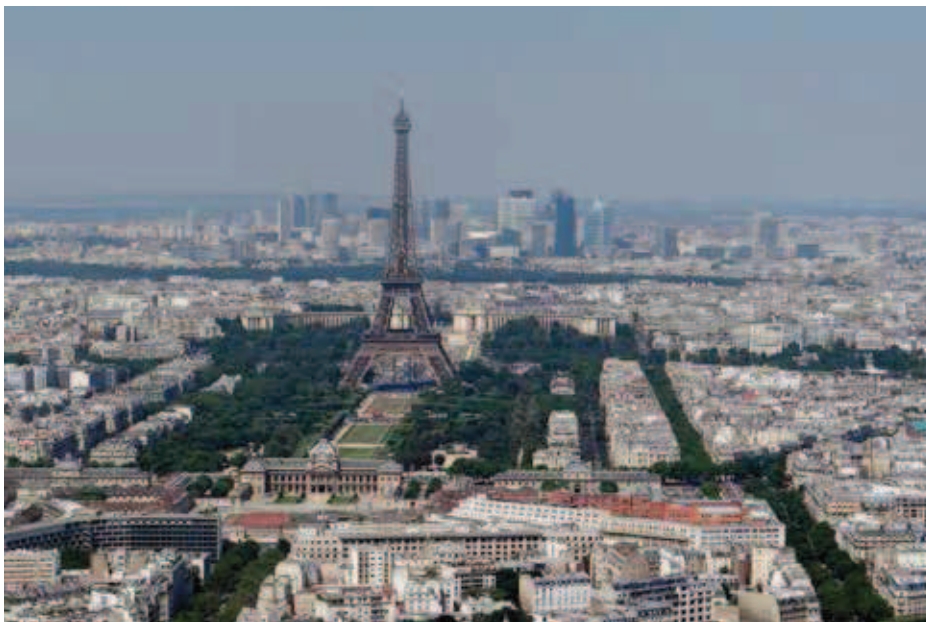
Hanoi Opera House, um dos tantos marcos da colonização francesa. Hanoi, Vietnã.
Foto: Silvio Macedo – 2007

A violenta polêmica iniciada com a Torre Eiffel, em 1889, culmina com protesto oficial de um grupo dos mais importantes artistas, escritores e intelectuais que consideraram a obra “inútil e monstruosa”, uma ofensa “à arte e à história francesa”. Gustavo Eiffel afirmou que continha “uma beleza própria”. Em algumas dezenas de anos, a torre

passou a constituir parte essencial do panorama de Paris. À crítica de sua desmesurada presença no tecido urbano, Eiffel rebatia que “o colossal tem um fascínio de atração”; “as teorias da arte de então não se aplicavam”.



Nova York (EUA), já no final do século XIX, tinha os primeiros arranha-céus construídos, subindo na forma de gigantescas torres de igrejas, em zigurate, marcando a paisagem e servindo de referência para outros tantos arranha-céus nas mais diversas cidades do mundo.
Foto: Silvio Macedo – 2014



Torre Eiffel. Paris, França.
Foto: Silvio Macedo – 2014

Novos modelos formais adentravam com materiais, estruturas e funções modernas. Nessa mesma década, surgem edifícios altos e “úteis”, com a invenção do primeiro elevador seguro (Otis – Otis Elevator Company), os edifícios comerciais e industriais são cada vez maiores. Os pavimentos mais altos, antes péssimos, passam a ser prestigiados. Era um final de século que, se julgava, traria uma sociedade melhor! Com os êxitos tecnológicos, pululavam manifestações: a Feira de Chicago, 1893; o primeiro telefone, 1876; o Palácio de Cristal, 1876... grande parte da arquitetura moderna se desenvolveu com a “gaiola de aço e meras paredes de proteção – cortina”.



Estufa no Kew Gardens, Londres, Inglaterra. As estufas, à semelhança do palácio de Cristal, tornam-se comuns nos grandes centros urbanos.
Foto Silvio Macedo – 2014

O planejamento urbano busca, *inconscientemente*, fazer as cidades funcionarem tão eficientemente como as fábricas. Em 1916, cria-se, em Nova Iorque, um regulamento urbano – o zoneamento – que introduz as paisagens com funções separadas. Os industriais criam cidades modelo para seus empregados. Haussmann distribuiu, em Paris, os sistemas de abastecimento de água e esgotos, as grandes avenidas, *boulevards*, os parques urbanos, e estabelece diretrizes rígidas para o desenho dos edifícios.

Criaram-se novos objetos; alguns, inicialmente poucos, foram os automóveis. Na época, deu-se pouca atenção aos possíveis efeitos desses novos objetos; mesmo às áreas de estacionamentos, de início eram poucas, pequenas e simples, ninguém prestou atenção. Mas com o desenvolvimento da produção em massa, um **novo estilo de vida – móvel** – iniciava-se.



Parque Monceau, um dos cinco grandes parques criados pela equipe de Hausmann. Paris, França.
Foto: Silvio Macedo – 2014



Bois de Boulogne. Antiga floresta de caça real transformada em parque por Hausmann. Paris, França.
Foto: Roberto Sakamoto – 2014



Boulevard. Paris, França.
Foto: Silvio Macedo – 2014

Surgiria, também, uma nova forma de ostentação: a aquisição e o consumo não produtivo do tempo: o lazer, de início para alguns; com o tempo, buscou-se essa comodidade preciosa para todas as classes, com os sindicatos, os gestores. Taylor e

Henry Ford, a Lei das Férias pagas, grandes companhias, competitividade, promoção de vendas. As paisagens urbanas dos anos 1960 e 1970 emergem em diferentes tempos e em múltiplos espaços, seguros. Os arquitetos, nesse período, acreditavam que um bom *design* poderia mudar as sociedades para melhor!!!

A América do Sul, especialmente a Argentina e o Brasil, estariam entre aqueles lugares novos e distantes que fariam parte das transformações do mapa mundial com a exportação de mercadorias industriais e importação de matérias-primas, conforme já exposto. O desenvolvimento das ferrovias no Estado de São Paulo pelos capitais britânicos é aspecto bem conhecido. Energia, café e ferrovias são a tríade da nossa industrialização. Porém, destaco a litorina de Curitiba a Morretes, ainda em funcionamento, inaugurada em 5 de fevereiro de 1885. Uma das mais ousadas obras férreas do mundo, foi considerada de impossível execução por engenheiros europeus. O traçado de André e Antonio Rebouças foi apresentado a D. Pedro II em 1873; as obras, iniciadas em 1880, empregaram nove mil homens (nenhum escravo, exigência dos irmãos Rebouças). São 68 quilômetros de trilhos em 956 metros de diferença de nível; o primeiro dos 13 túneis tem 442 m e – na época – o primeiro viaduto ferroviário em curva, com 97 metros de comprimento e curva de 47 graus.

Toda **essa superação da engenharia se dá em meio a uma espetacular exuberância da natureza**: é uma área contínua e preservada da mata Atlântica na serra do Mar. Pontes em meio a penhascos flutuam no espaço entre precipícios, cachoeiras, cânions, barragens e o pico Olimpo, 1.539 metros de altura nas montanhas Marumbi.

Nos novos ambientes socioculturais inaugurados pela industrialização, as imagens fotográficas coincidiram com a explosão demográfica, com o aparecimento dos grandes centros urbanos, com o homem na multidão, com o que passou a ser a “sociedade de massa”. É o início do movimento gradativo e contínuo de desconstrução dos princípios da visualidade válidos desde o Renascimento.

A fotografia é prótese do século XIX, como são próteses os atuais celulares. Não foram poucos os impactos sociais, culturais e, sobretudo, artísticos provocados pela fotografia. Nos anos 1970, surgem novos meios de reprodução – xerox, *offset*, diapositivos vislumbravam outras possibilidades para a imaginação criadora e as tecnologias reprodutivas das imagens. Novas sensibilidades vão sendo mexidas, inspiradas, questionadas com os vídeos, as imagens artesanais bi e tri dimensionais.

A câmera fotográfica é, antes de tudo, um aparelho complexamente codificado, fruto da aplicação de conceitos científicos acumulados ao longo de séculos de pesquisa nos campos da ótica, da mecânica e da química, bem como da evolução do cálculo matemático e do instrumental para operacionalizá-lo. (SANTAELLA, 2003, p. 153).

[...] na história da fotografia desde a *câmera obscura*, não é difícil reconhecer que a câmera fotográfica introjetou, materializou em uma máquina o que o desenvolvimento da ciência, desde o Renascimento, nos fez conhecer sobre o funcionamento do olho e sobre a fixação do reflexo de luz. Por isso mesmo, um dos fatores de maior impacto da fotografia está em ter dado início a um processo crescente de exten-

são, em máquinas cada vez mais inteligentes, da capacidade humana de produzir linguagens [...] (SANTAELLA, 2010, p. 61).

O POVO BRASILEIRO, NO IMPÉRIO E NA REPÚBLICA, NA APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO

Globalizados desde sempre, inseridos nas trocas mundiais mais avançadas em diferentes épocas dos poucos quinhentos anos, deve ter sido com habilidade, engenho, ousadia que desafiaram as dificuldades de enfrentamento de situações novas e ainda, com o constrangimento do estatuto colonial e da segregação que viria à tona! (CALDEIRA, 2009).

Fluxos de imigrantes (séculos XVI a XVIII), inicialmente europeus portugueses, e africanos – estes de modo compulsório – mais do que se miscigenaram; imiscuíram culturalidades. Depois, nos séculos XIX e XX, diversas foram as imigrações que se distribuíram de modo desigual pelo território. Também, na fusão com os “brasileiros”, a diversidade cultural “inventou” uma específica interculturalidade, importante na formação histórica da sociedade brasileira.

Entre os séculos XIX e XX, chegaram, inicialmente, os alemães – depois, os italianos, espanhóis, cristãos novos, judeus. Mais tarde, os japoneses e chineses; seguiram-se árabes – sírios, turcos, libaneses. Distribuídos de maneira desigual pelo país, eram, também, de diferentes grupos dentre as suas múltiplas origens. E, recentemente, coreanos, bolivianos, haitianos.

Mesmo que fossem bem diversos os fatores de atração pelo país, os primeiros aqui chegaram com a ideia inicial, comum, de “Fazer a América”; esta ideia foi se alterando para a maior parte dos imigrantes; no diálogo de culturas, deram outra vida e outro colorido a algumas de nossas principais cidades, ao mesmo tempo em que se tornaram brasileiros.

A partir da Proclamação da República, o projeto nacional adotou o modelo de federação e procurou-se integrar o vasto território; a transferência da capital para o interior do país é parte desse projeto. O projeto de modernização industrial, durante todo o século XX, levaria à “conquista do interior”. Neste período, o modelo de federação seria, preponderantemente, de excessiva centralização.

Em meio século, um processo intenso de urbanização, fortemente acelerado, mudou intensamente a sociedade brasileira. Em 1950, quase dois terços da população brasileira habitava o meio rural; na virada das décadas de 1970 e 1980, a população urbana torna-se maioria. Em 2010, 84% da população habitava o meio urbano; no Sudeste, 90%. Esta mudança foi desigual entre as regiões; no Sudeste, por exemplo, a população urbana foi ultrapassando a rural durante a década de 1950; no Sul e Centro-Oeste, durante a década de 1970 e, no Nordeste, nas décadas de 1980 a 1990. Nesta, também a população urbana do Norte supera a população rural. A estrutura regional, de tipo centro-periferia, conecta o Sudeste com o Sul e o Centro-Oeste, em contraste com o Nordeste e a Amazônia.

A modernização da economia andou junto com o êxodo rural. Conjugaram-se fatores de repulsão do campo (predomínio da grande propriedade rural, subdivisão das propriedades familiares, mecanização das atividades agropecuárias) com fatores de atração das cidades: possibilidades de trabalho e renda, acesso a serviços públicos (hospitais, escolas, postos de saúde). Ao optar pela cidade, o habitante rural busca integrar-se à sociedade moderna em novos horizontes.

Esse êxodo rural, em diferentes tempos e regiões, acelerou o crescimento dos centros urbanos, em especial, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A modernização da economia influenciou a agricultura do próprio Sudeste, intensificando o êxodo rural da região. No Sul, as fronteiras agrícolas do café nos planaltos do norte e oeste do Paraná, receberam migrantes a serviço da colonização privada.

A modernização da agricultura familiar em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ao conservar a estrutura tradicional de pequenas propriedades, serviu como freio, por algum tempo, do êxodo rural nesses Estados. É a substituição do café pela soja, no Paraná, e a crise da agricultura familiar no Rio Grande do Sul, que criam os fluxos migratórios – de tal modo que, em 2010, já mais de 85% da população dos dois Estados habita o meio urbano.

As paisagens do território nacional articulam-se com grandes transformações; intensifica-se o processo de urbanização regional com a construção de Brasília e a valorização agropecuária dos cerrados. Com o tempo, são geradas, no Centro-Oeste, novas fronteiras agrícolas e urbanas.

O avanço da moderna agricultura comercial no Centro-Oeste, com base na inovação em tecnologia em grande escala, leva ao crescimento demográfico sob o impulso dos fluxos migratórios do Sul. As fazendas de soja e gado não fixam a população no campo; as cidades se dinamizam com a expansão do comércio e serviços. (MAGNOLI, 2012).

Interações do espaço, tempo e ações das sociedades humanas se relacionam intimamente à história da construção da paisagem no ambiente. E esta é a história de um país singular na virtualidade de um território que existia antes de Cabral a ele chegar. De uma história de populações em movimento. De uma história de interculturalidade, que se iniciou nas praias de Porto Seguro, naquele verão tropical de 1500; talvez nem tão simples; bastante complexa, difícil.

História de busca de oportunidades, de trilhas, do empreender na colônia. Uma história de nômades: movimentos de levas de imigrações transoceânicas e migrações internas para as grandes cidades, em busca de chances. E já na República, o mote é o “direito à cidade” em um país de muitas cidades, de muito diferentes cidades, mal articuladas por ainda difíceis “peabirus” (trilha indígena) e algumas poucas “calçadas” (estrada calçada do Lorena).

São longos os caminhos políticos, econômicos e sociais para alcançar esse “direito à cidade”; como no caso dos dois primeiros grumetes, nossos primeiros empreendedores, em formas provisórias de existência, enfrentadas com perseverança, esforços de aptidão e habilidade – em uma jornada de vida construída pelas próprias capacidades. Não bastam estudos para melhor entender, para cada campo de atuação, o significado

nas/das diferentes dimensões – no espaço e no tempo – dessa sociedade peculiar; a ação em políticas públicas consistentes faz-se indispensável.



Plano Piloto, desenho geral do assentamento proposto por Lúcio Costa. O desenho em cruz, matriz de Brasília, guarda papel simbólico. Um dos eixos foi concebido como espetacular percurso cerimonial – com um plano verde contínuo – onde se embasam, nas laterais, os edifícios das instituições, e, no final, o edifício do Parlamento. O eixo ortogonal norte-sul abriga as quadras residenciais. Brasília, DF, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014



Campos cultivados nos arredores de Goiânia, misturados a remanescentes de cerrado. Goiânia, GO, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014

T.I.COM: “I”, “FACE” A ROTA DA SEDA DO SÉCULO XXI

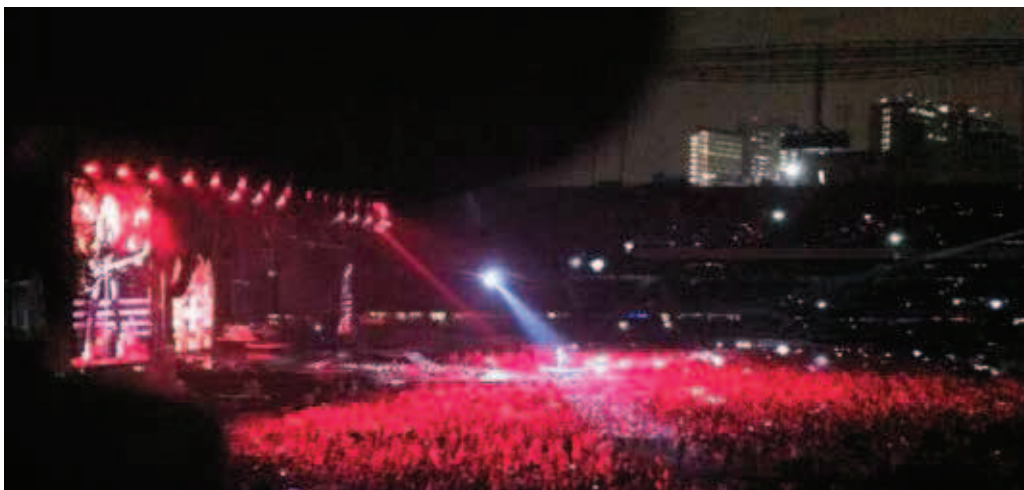
Sob o impacto da Revolução Técnico-Científica, inicia-se a “segunda globalização”, ainda em curso. A Revolução Técnico-Científica-Comunicacional surge após o encerramento da Guerra Fria: é a conectividade instantânea para um número cada vez maior de pessoas. São outras e muito diferentes escalas.

A tríade que comanda a globalização econômica é formada por fluxos de mercadorias, de capitais e de informações. O comércio internacional adquiriu uma moldura institucional e um conjunto de regras permanentes com a criação da Organização Mundial de Comércio (OMC) em 1994. As redes digitais propiciaram brutal redução de custos de transferência de informações. Sob o signo da “revolução da informação” (TI), as empresas transnacionais adotaram novas e agressivas estratégias de redistribuição de suas unidades produtivas no palco planetário.

O mundo é conectado virtualmente; o processo de urbanização é cada vez mais amplo e difuso. Nas últimas décadas, o processo de urbanização se difundiu pelos diversos países do planeta; as cidades ficaram mais próximas, econômica e culturalmente. As corporações transnacionais, com suas influências nas economias globais e locais, criaram novas redes, junto com a expansão das indústrias culturais globais e locais, o turismo de massa, as migrações de trabalho, as trocas acadêmicas e espetáculos culturais; eventos esportivos, festivais, bienais e shows também atuaram para que “outras cidades” fizessem parte da maneira pela qual vivemos e percebemos o mundo.

Essas “outras cidades” da cultura globalizada do século XXI são, em geral, grandes aglomerados – megacidades e metrópoles – dos países “emergentes” da periferia do sistema mundial; aqueles que, há poucas décadas, as nações mais ricas costumavam denominar, muito genericamente, de “Terceiro Mundo”.

Como consequência das inovações nas tecnologias da informática e da comunicação, uma transformação geopolítica, baseada em atividades econômicas globais estruturada em torno de redes de fluxos financeiros (as famosas “ponto.com” – “em tempo real” da Internet), explode nos países de Terceiro Mundo (que, por este viés, não passam de “mercados emergentes”) por meio de crises financeiras inesperadas e praticamente insuportáveis. É por um conjunto mais ou menos comum de regras econômicas, apesar dos panoramas sociais e culturais diversos, que se transformam, veloz e profundamente, as relações entre capital (poder econômico global, organizado em redes virtuais eletrônicas, mudança radical de espaço-tempo) e trabalho (fragmentado, ligado às limitações espaciais do mundo real e mais limitado em alguns lugares, regiões e países) ampliando e exacerbando as assimetrias sociais entre países e dentro dos países. Populações, territórios, certos segmentos da sociedade, certas regiões, certos grupos sociais, certos bairros, todos aqueles que são vistos sem valor, sem interesse para ganhos financeiros, tornam-se excluídos. (MAGNOLI, 2006, p. 11-12).



Show da turnê mundial da cantora Madonna no estádio do Morumbi. São Paulo, SP, Brasil.
Foto: Josefina Capitani – 2012



Times Square, constantemente remodelada, mas estruturalmente mantendo suas características. Um dos pontos mais importantes do turismo de massa. Nova Iorque, EUA.
Foto: Silvio Macedo – 2014



Vista geral de Bangkok (Tailândia), uma das grandes metrópoles mundiais.
Foto: Silvio Macedo – 2015

Esta “nova globalização” pode ser dividida em duas etapas distintas. Na etapa inicial, ao longo da década de 1990, seus atores principais foram os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão. A etapa seguinte, ainda em desenvolvimento, foi moldada pela ascensão chinesa. Os fluxos de investimentos estrangeiros na China e a elevação da potência asiática à posição de ator central no comércio internacional modificaram todo o cenário da “economia-mundo”. A China transformou-se no nexo principal dos grandes intercâmbios que conectam o Ocidente e o Oriente. Desempenha papel crucial na estabilidade do dólar – e, portanto, da arquitetura financeira global. A formação do

G20 (Grupo dos 20), que assumiu as funções decisivas na articulação da governança financeira mundial, é um reflexo do novo lugar geopolítico e econômico da China.

Confirmando a globalização, atualmente, no começo do século XXI, alguns países das Américas Central e do Sul vêm se organizando em um grupo – que denominam Aliança do Pacífico –, procurando criar e expandir acordos com a Ásia. O grupo – Chile, Peru, Colômbia e México – argumenta com a afinidade de países que são capazes de fazer uma integração entre si e além-oceano. Após várias e múltiplas contradições e dificuldades junto ao Mercosul (Mercado Comum do Sul), aquela afinidade, simplesmente relativa à proximidade, é contestada.

Confirmando a metáfora “rota da seda do século XXI”, atualmente, nova ferrovia transporta os HP pela antiga rota da seda!!

Um conjunto inteiramente novo de tecnologias passou a se desenvolver: a química dos polímeros, engenharia nuclear, eletrônica, cibernética, *microchips*, satélites, engenharia genética... e o dinheiro sai dos computadores em caixas automáticas instalados nas ruas!!

A questão ambiental relacionada aos recursos naturais está diretamente vinculada a quais, quanto, como e onde eles serão selecionados e obtidos, visando para quem, para que, e o que se produz. Modelos de produção e consumo são característicos do desenvolvimento preconizado dentro do projeto político de um país; e a apropriação e disponibilidade dos recursos, os usos e a distribuição social justa para a totalidade da população são da essência do projeto de cada país. (MAGNOLI, 2006, p. 6).

E com as novas tecnologias, quais efeitos sobre a paisagem. Em arquitetura são agora indispensáveis as novas modalidades do projeto digital. (ARANTES, 2012).

Porém, não são os *Bilbaos*, obras-exceções que lidam só com propriedades intrínsecas da forma, sem conteúdos de valor, que podem nos indicar, nas modalidades do projeto digital, a produção social das paisagens. É paradoxal que se observe uma dilatação:

[...] do prestígio dos museus e galerias, das grandes exposições e dos curadores. Como se os valores da montagem, da exposição e da promoção prevalessem sobre os da imaginação, da criação e da expressão artística. Como no mercado, a vitrine, a embalagem e a grife tornam-se chaves de um ato que se caracteriza mais como de consumo do que de invenção cultural, desafio dos valores estabelecidos ou pesquisa das fronteiras do imaginário, tal como se definia a arte – como a pedra angular da cultura. (SEVCENKO, 2001, p. 127).

Ainda não identificamos com clareza as formas de construção específicas ou suas características paisagísticas. Aparentemente, têm bastante maleabilidade, penetram no existente, adaptam-se a formas existentes; os aspectos superficiais permanecem como sempre foram. Certas modificações nas formas construídas constituem difusões de aperfeiçoamentos tecnológicos anteriores. O olho eletrônico na rua, tecnologias



Ópera Disney, de Frank, Gehry, em Los Angeles (EUA). A introdução do computador no desenho arquitetônico permitiu a elaboração de formas arquitetônicas complexas até então inimagináveis. Os primeiros softwares de CAD para computador pessoal foram vendidos a partir de 1982; usava-se falar da “prancheta digital”. A partir da segunda metade dos anos 1990, acrescentaram-se possibilidades mais amplas de automação; nas perspectivas, em cores, textura, iluminação, transparências. Também passou a ser possível investigar o projeto arquitetônico por vários ângulos, inclusive em movimento, simulando percursos entre seus espaços.
Foto: Silvio Macedo – 2013



Jay Pritzker Pavillion, de Frank Gehry, no Millenium Park. Chicago, Illinois, EUA.
Foto: Silvio Macedo – 2014

de comunicação por satélite, estádios cobertos, edifícios inteligentes. Como os arranha-céus, os aeroportos são símbolos do século XX.

A principal característica paisagística, no século XXI, é o espaço aberto destinado às pistas; os edifícios são só locais de trânsito, e o desejo é que o tempo nesses edifícios seja o mais rápido possível. Seus conteúdos não convergem para o valor que o imaginário busca.



Estádio Itaquera, um marco na paisagem contemporânea paulistana. São Paulo, SP, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014

Desde que o computador se tornou dinamo da comunicação globalizada, se persegue essa busca de identificação das mudanças que a “revolução digital” provoca nas esferas da vida social. Percebem-se mudanças decorrentes do aparecimento dos dispositivos móveis (*laptops, iPods...*); é o advento da “era da mobilidade”. Digitalização, computador, dispositivos móveis, mobilidade. Gradualmente, a mídia começa a ser usada e a comportar-se de modo diferente. Os traços superficiais não mudam drasticamente; como identificar as transformações no nível subjacente? Quais as mudanças de significados? As casas e prédios não diferem muito do passado recente! Necessário avançar nos conceitos e significados que a “ferramenta” introduz; não simplesmente o uso automático dos diversos aplicativos.

Sem que para nós, leigos, seja claro como se imbricaram inovação e integração com mídias já existentes (coevolução), observo que se pode dispor, por exemplo, da música e dos filmes como antes; continuamos a ouvi-los e vê-los, mas também podemos disponibilizá-los de outras maneiras. Podemos baixá-los e levá-los de cá para lá nos *laptops, iPods*. O mesmo se observa com a TV quando acrescento alguns novos recursos:



Aeroporto de Bangkok (Tailândia): um shopping, um terminal e um parque.
Foto: Silvio Macedo – 2015



Aeroporto de Bangkok (Tailândia). Parque público.
Foto: Silvio Macedo – 2015



Casario comum em Sorocaba, SP, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014

ao virar digital, não deixa de ser TV, mas, com as novas funções acrescentadas, pode ser interativa e até assistida nas telas em miniatura dos celulares. Adquiriram portabilidade, e as contínuas inovações na comunicação trazem diversidades que, além, se expandem – estas tem a ver com distribuição e variedade. Não se eliminou a integração e a concentração. A mistura de integração e a substituição entre o velho e o novo, passado, presente e futuro, intimamente atados nas trajetórias tecnológicas, fazem com que as mídias coevoluam; já não são vistas na sua individualidade; é pela convergência que se simplificam os caminhos de modo a permitir a expansão da diversidade.

À mobilidade inicial, tecnologias móveis introduziram fatores novos e importantes. Destaco dois fatores: ubiquidade e onipresença. Ubiquidade: o usuário comunica-se durante seu deslocamento; há coincidência entre deslocamento e comunicação. Esta ubiquidade não é **sinônimo de deslocamento**; contém o compartilhamento simultâneo de vários lugares. A comunicação móvel em espaço temporal contínuo. Onipresença: o usuário continua suas atividades mesmo estando em outros lugares (fica “oculto” o deslocamento). A onipresença permitiu ficar livre da localização única, em função da conectividade; pendura os lugares nas costas do usuário nômade, multiplicando as localizações possíveis. Ubiquidade e onipresença passam a significar plurilocalização instantânea: o usuário já não está em um espaço estritamente territorial, mas em algo como “territórios informacionais”. Passa a ser um usuário nômade.

Espaços hiperconectados, espaços de hiperlugares, múltiplos espaços de um mesmo espaço desafiam os sentidos de localização, permanência e duração. Com as redes de relacionamento, são múltiplas as realidades que desfilam de modo simultâneo em nossa mente. (SANTAELLA, 2010). Ao mesmo tempo, as ruas e calçadas são as mesmas, o casario continua ali e aqui, mas as paisagens estão permanentemente conectadas no imaginário do usuário de todas essas máquinas, portanto de segmentos cada vez maiores da população. Como desenvolver esse contraste?

O PATRIMÔNIO AMBIENTAL CRISE NO USO DA NATUREZA

O homem é um ser social; em face disto, não existe relação singular de um homem com a natureza. Existem relações entre os homens por meio da natureza – a expressão usual “relação homem-natureza” não é correta. A ação de cada homem carrega o social na cultura; insere-se, sempre, em um contexto social e cultural, gerado e mantido em sociedade. A natureza é sempre objeto das relações sociais. Os seres humanos, parte da natureza, distinguem-se na natureza pela cultura, pela capacidade de recriar o mundo por meio de técnicas e de atribuir sentido e simbolismo às coisas... mas as sociedades humanas e animais alteram e transformam o ambiente.

Apesar de sociedades inteiras terem desaparecido pelo desequilíbrio ambiental que provocaram, pela dificuldade de enfrentarem ataques generalizados de pragas, flutuações climáticas, as sociedades humanas tem sido bastante capazes de se adaptar, se ajustar e inovar. Adaptar-se, ajustar-se, inovar é parte do talento, da capacidade dos seres humanos ao viverem em uma grande diversidade de *habitat*, desenvolvendo modos de vida – práticas sociais e culturais – adequados às circunstâncias em cada particular situação. A crise no uso da natureza é sinal de crise nas relações sociais, entre grupos e nações. A crise é entre os homens, na relação entre sociedades que se territorializam usando a natureza. No fundo, **cuidar do ambiente é cuidar do outro; isto faz dos direitos humanos e dos direitos ambientais, duas faces da mesma moeda.**

A mestiçagem das culturas, a interculturalidade é uma singularidade brasileira – se faz esperança para um mundo que vem procurando, com enormes dificuldades, o não estranhamento do outro, condição primeira para a tolerância, o entendimento. É Risério que nos coloca em um país de “todos imigrantes”. Sim, temos problemas, sem dúvida; mas, apesar de dificuldades, concordo com Risério (2007, p. 264) na “mensagem de alcance planetário: o know-how da convivência.”

Continua sempre muito atual, mesmo datado de 28 de agosto de 1963, o discurso de Martin Luther King; e pode-se destacar: “Eu tenho o sonho de que meus quatro pequenos filhos viverão, um dia, numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pelo **teor de seu caráter.**” Igualdade entre indivíduos livres.

Em nossa atividade, no Paisagismo, me chama atenção que uma pesquisadora séria, em longo e detalhado levantamento dos parques americanos, ao procurar identificar como poderia atender aos “todos imigrantes” daquele país, de modo a propiciar o

melhor dos espaços a todas as mais inusitadas e diferentes “misturas”, se decida pela proposta de todos juntos, mas... cada uma das misturas no seu lugar!!! (LOW; SCHELD; TAPLIN, 2005).

O AMBIENTE SE FAZ PAISAGEM

ESCALAS DE TEMPO:

...DA NATUREZA, ESCULPINDO A PAISAGEM

...DA SOCIEDADE, CONSTRUINDO A PAISAGEM

Recordo que a expressão “tempo profundo” foi criada por John McPhee pensando nos geólogos como pessoas que conseguem assimilar uma outra específica noção de tempo. Oliver Sacks, no interessantíssimo livro sobre ilhas e espécies vegetais de padrões antiquíssimos (**A ilha dos daltônicos**, Companhia das Letras, 1997), cita estas palavras de um geólogo: “Você começa sintonizando a mente com uma escala temporal que é a escala temporal do planeta. Para mim, isso agora é quase inconsciente, e é uma espécie de companheirismo com a Terra”. [!!!]

A exclamação ao final desta citação é minha. Contemplar, pensar, refletir sobre formas de vida de muitíssimos longos períodos, vibra, estremece, mexe, entusiasmo (?) – sensações, perspectivas, sentimentos, visões de mundo.

É muito difícil a apreensão da distinção entre tempo histórico e “tempo profundo” – tempo geológico. Para entender o seu significado de maneira mais simples, deve-se passar pelas interações entre os elementos naturais e humanos; examinar, captar os processos e as múltiplas relações do meio físico.

O tempo geológico coloca em foco as **evidências paisagísticas**, como as cordilheiras dos Andes, dos Alpes, do Himalaia e das Montanhas Rochosas – acomodação das placas tectônicas, a falha de San Andreas, ruptura de placas (Pangeia, supercontinente, há 320 milhões de anos; ruptura da Pangeia, há 200 milhões de anos, definindo o continente Gondwana; a configuração atual do nosso planeta tem cerca de 70 milhões de anos). Nesse parêntese estão lembretes, focos, luzes iluminando palavras, nomes, lugares, símbolos: pretende-se enfatizar a profunda mudança nos modos de entendimento do mundo no século XX.

O entendimento de processos e relações se dá pela observação do **relevo**. Este é o modelado da crosta terrestre; sua transformação é contínua, mas muito lenta para nossa capacidade de captar. Essas transformações morfológicas se dão por agentes internos (tectonismo, pressão do magma, abalos sísmicos, violentos movimentos em profundidade e vulcanismo – efusão de material fluido do magma para a superfície) e agentes externos. Estes agentes **esculpem a paisagem**. Captar as transformações pode ser lento para nós; porém, os efeitos desses movimentos, quando aparentes, são facilmente visualizados e, ainda, compreensíveis para lidar com o uso e a apropriação de maneira bem mais adequada do que tem ocorrido.



Montanhas Rochosas. Estendem-se por mais de 4.830 km: do extremo norte da Província da Colúmbia Britânica, no oeste do Canadá, até o Estado do Novo México, no sudoeste dos Estados Unidos.
Foto: Silvio Macedo – 2012



Modelagem do solo na praia Magotto. Vila de Sintra, Lisboa, Portugal.
Foto: Silvio Macedo – 2014

Correspondem a processos de erosão (pelo desgaste das rochas) e sedimentação (transporte de material sedimentar). Intemperismos, ação dos ventos e ação das águas respondem pelos processos de erosão e sedimentação. Processos físicos e químicos são o conjunto que produz o intemperismo; relacionam-se com as amplitudes térmicas – intemperismo físico com grandes variações diárias de amplitude – deserto –, ou grandes variações anuais de amplitude em altas latitudes. O intemperismo químico ocorre no contato das rochas com as águas e a umidade. É muito intenso nas regiões tropicais e equatoriais. A ação dos ventos se observa, além dos desertos, muito especialmente nas paisagens praieiras. A ação das águas, de erosão, é marinha, fluvial e glacial. Em nosso extenso litoral o trabalho do mar revela, nas costas e ilhas, os recortes, restingas, lagunas.

No entendimento do mundo, hoje se trabalha com uma história cósmica, a partir do *Big Bang*, de 13,7 bilhões de anos; com uma história geológica, de 4,5 bilhões; com uma história biológica, desde o aparecimento de vida na Terra, de 3,5 bilhões de anos e cada vez mais as ciências físicas e naturais explodem seus limites... Cada vez mais a história do planeta mostra-se cada vez mais antiga, diversificada e com inúmeras e enormes, gigantescas transformações com muitas formas de vida; nestas, a espécie humana surge como uma das mais recentes. A presença de grandes escalas de tempo na constituição dos fenômenos em análise não exige lidar sempre com longuíssima duração, mas leva a repensar o lugar do ser humano no quadro mais amplo da história do planeta.

ESCALAS DE TEMPO DA SOCIEDADE: CONSTRUINDO A PAISAGEM

Há uma clara historicidade na apropriação dos recursos da natureza e na valoração das paisagens. Em nossa história, ao lembrar-se do ouro nas serras de Minas, isso fica muito patente. Para os indígenas que por lá há muito já estavam, o ouro não tinha a menor importância. No entanto, os portugueses não mediram esforços para estabelecer a mineração colonial.

Nas estruturas geológicas se abrigam numerosas reservas de minerais metálicos, que, especialmente desde a Revolução Industrial, constituíram-se em importantes recursos econômicos – minérios de ferro, bauxita, zinco. A extração destes minérios é uma forma pela qual as sociedades humanas transformam a morfologia da paisagem. É a introdução da ideia de recursos naturais. Por exemplo: *minerais* são componentes da natureza e *minérios* são economia e história; o uso dos *minerais* torna-se significativo para as sociedades humanas como matéria-prima ou fonte de energia. Com a introdução da ideia de recursos paisagísticos, os espaços de beleza, prazer, saúde e valorização turística do imenso litoral brasileiro, na virada do século, são identificados com as praias.

A mudança de percepção é universal, em um processo gradual no tempo e no espaço. No Brasil da Monarquia, na cidade capital, onde se encontravam as mais importantes elites urbanas, as belíssimas praias eram desprezadas. Porém, nem sempre esse mundo “da natureza” – biofísico – apresentou-se de forma positiva, clara, imediata

à percepção humana. Ouro, praias, minérios não são criações humanas, primárias; mas, sem sua existência material também não existiria a dimensão perceptiva e cultural.

Como antes do aparecimento do *Homo sapiens*, os vários ecossistemas que mantêm a vida na Terra independem das ações humanas; contudo, hoje é difícil encontrar ou imaginar um sistema natural que não tenha sido substancialmente modificado pela cultura humana. Somente uma muito pequena parte da natureza ficou intocada; não foi alterada pela sociedade no planeta. Questiona-se a visão do “homem devastador”, intensamente difundida. Simon Schama (1996, p. 30), com clareza e inteligência, mostra como as relações entre natureza e sociedade também podem ser construtivas e criadoras em seu livro concebido como “[...] uma viagem por espaços e lugares, com os olhos bem abertos, que pode nos ajudar a acreditar num futuro para esse forte, adorável e velho planeta”. Nos mais diferentes níveis, o espaço passou a ser natureza humanizada, território social: **o ambiente se faz paisagem.**

CONSTRUINDO EM UMA PAISAGEM ESCULPIDA

Desenvolver modos de vida adequados às circunstâncias, conseguir construir o *habitat*, é capacidade humana reconhecida. São emblemáticas as paisagens da Holanda, país em boa parte obtido do mar, e de Veneza. Ruskin, em meados do século XIX, se apressava a insistir que logo se fosse conhecer Veneza, visto que, em face de sua fragilidade e decadência, estava a desaparecer para sempre. Ao considerá-la a absoluta perfeição do belo, urgente se fazia conhecê-la. Nesta virada de século, Veneza finaliza o “Moisés”, incrível dique, para prevenir-se da destruição das águas do mar!

A cidade do Rio de Janeiro é conhecida como paradigma de “natureza”. Foi construída sobre um lugar magnífico, repleto de cenários que configuram o imaginário do natural. **Imaginário** que faz parte da visão que o mundo todo tem da cidade e que impregna, inclusive, a vida de seus habitantes.

No entanto, é bastante artificial o território sobre o qual o homem interviu para construir seu espaço, transformando sua morfologia e aproveitando recursos potenciais. No processo de construção da cidade, suprimiu montes, aterrou lagoas e costas, praias e manguezais, perfurou túneis, urbanizou morros de abruptas ladeiras, fez a plantação artificial de sua floresta tropical urbana, construiu vigorosas infraestruturas que também se tornaram elementos relevantes da paisagem. O paradoxo é que a cidade é considerada um exemplo de adaptação à natureza e não como natureza muito construída. **É a magnitude da escultura da natureza; são as evidências paisagísticas esculpidas pelo tempo da natureza** que lhe conferem **aquela imagem** e garante o imaginário de muitos.

Não é difícil encontrar pelo país outras belíssimas imagens esculpidas – diferentes caso a caso. Há uma imagem muito rica quando se observa o litoral de Santa Catarina de um voo em dia claro. Sai-se pedindo que seja cuidado, que se cuide muito dele, que o processo de urbanização, ao espalhar-se, ao espalhar-se, esparramar-se, não abuse desse espaço privilegiado. Adensar com critérios; pensar em compactar. Difícil

será atender mobilidades, serviços, trabalhos, deslizamentos, talvez... Tristíssimo seria perder a joia dessa beleza.



Antigas áreas junto ao Porto. Até o início do século XX, ocupadas por vastas florestas de manguezais. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Foto: Vera Tângari – 2014



Parque do aterro do Flamengo, construído sobre área ganha ao mar nos anos 1960. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014



Lagoa da Conceição. Florianópolis, SC, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2013

Para ideia dos domínios intertropicais e subtropicais na vastidão do território, ver Ab'Saber (2003, p. 13):

Até o momento foram reconhecidos seis grandes domínios paisagísticos e macroecológicos em nosso país. Quatro deles são intertropicais, cobrindo uma área pouco superior a sete milhões de quilômetros quadrados. Os dois outros são subtropicais, constituindo aproximadamente 500 mil quilômetros quadrados em território brasileiro, posto que extravasando para áreas vizinhas de países platinos. A somatória das faixas de transição e contato equivale a mais ou menos um milhão de quilômetros quadrados, em avaliação espacial grosseira e provisória." (Grifos da autora. Publicação original: 1977).

A revolução copernicana dos séculos XVI e XVII, ao revelar a *imensidão do espaço*, desferiu um imenso golpe no sentimento de que o homem era o centro do universo. Também o senso temporal do homem se alteraria radicalmente. O primeiro volume dos **Princípios da geologia**, de Lyell, foi publicado em 1830; Darwin levou-o consigo no Beagle. A colocação de Lyell, que reunia tanto a imensidão quanto a lentidão da mudança geológica, foi importante para a visão de Darwin, pois os processos de evolução requeriam, conforme avaliou, pelo menos 300 milhões de anos. Stephen Jay Gould (1991, p. 13) comenta que Freud afirmara "[...] que a sociedade tem de tolerar

da ciência dois grandes ultrajes a seu ingênuo amor-próprio: a revolução copernicana e a darwiniana”. E ainda acrescenta sua própria revolução, a freudiana. Gould fala da dificuldade que temos até hoje em “[...] suportar com bravura o quarto golpe, o freudiano”.



Amazônia, nas vizinhanças de Belém do Pará, PA, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014

A METÁFORA DA ECOLOGIA

Ecologia é o estudo das interações entre os organismos vivos e seus ambientes, não apenas as interações de membros de uma mesma espécie, mas também os membros de espécies distintas. Originalmente um ramo da biologia, (introduzido ainda no século XIX) é ainda compreendida como a ciência das relações entre os organismos e o meio ambiente. Com o agravamento das crises ecológicas mundiais, as interações implicaram o aparecimento de grande diversidade de áreas interdisciplinares. Daí, tornou-se costumeira a **apropriação metafórica** da expressão ecologia.

Quase como um movimento social das últimas décadas, incorporou-se a ideia de ecologia – mesmo que muito simplificada – a muitos e diferentes campos do saber, de comportamentos, de ações, de políticas públicas, de comunicações de massa, de situações educacionais. Não há como negar a sua penetração, mesmo discutindo a consistência do que se fala e pratica – significativa nos diversos aspectos, inclusive no imaginário.

A globalização teve importante influência não só na difusão da polêmica imagem de globalidade planetária, como também no crescimento de produção científico-tecnológica; novos meios de comunicação facilitaram a difusão. A construção simbólica da globalidade planetária se constituiu em elo para os temas da vida e do ambiente; a discussão ambiental tornou-se, também e ao mesmo tempo, criadora e criatura do processo de globalização.

Por essa visão, as metáforas com o termo ecologia deslizam, fácil e comodamente, para os aspectos que se decida privilegiar. É uma parcela muito mais ampla da esfera pública que participa da difusão desse tipo de pensamento. Iniciativas diversas se organizam visando a sociologia ambiental, o direito ambiental, a economia ecológica, a engenharia ambiental. Nesse quadro, é muito compreensível – e justamente devido ao agravamento das crises ecológicas mundiais – a incorporação da metáfora da “ecologia” na política internacional por meio da diplomacia ambiental. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, que ocorreu em Estocolmo em 1972, ao associar política internacional com ecologia, apresenta-se como o início da diplomacia ambiental. (MAGNOLI, 2008).

O autor expõe e explica as principais ações que conduziram a diferentes tratados, tendo como pano de fundo o caráter interdependente das sociedades industriais e a natureza global, os conflitos com as soberanias nacionais e as limitações das discussões e negociações. Ficam mais claras as dificuldades quando se exemplificam alguns tratados setoriais: Recursos Hídricos, 1975; Estabelecimentos Humanos, 1976; Desertificação, 1977; Fontes Novas ou Renováveis de Energia, 1981. Elaboração de tratados em temáticas mais específicas: Prevenção da Poluição do Mar por Navios e por Fontes Terrestres, 1973-1974; Espécies da Flora e Fauna ameaçadas de extinção, 1973; Poluição Transfronteiriça, 1979; Direito do Mar, 1982.

Para regular a produção e o consumo de substâncias destruidoras da camada de ozônio, foram compiladas bases científicas de modo a embasar políticas consistentes para conduzir o problema e obter, em 1989, um bom resultado de diplomacia ambiental. Mais de 150 Estados aderiram ao Protocolo de Montreal, que tinha sido elaborado por um número pequeno de Estados. Por outro lado, ao ser estimulada, a inovação tecnológica conseguiu, em alguns anos, disponibilizar produtos para substituir as substâncias nocivas que haviam sido eliminadas da produção.

Em prazo maior para alguns países, a adesão ao tratado foi geral. O temário ambiental precisava enfrentar as disparidades históricas e estruturais para conectar-se com o desenvolvimento. Utilização dos recursos naturais, consumo de energia e emissão de poluentes exigiam analisar, debater e ancorar as responsabilidades globais diferenciadas na preservação do patrimônio ambiental. As promessas de liberdade, igualdade, racionalidade e autonomia prometidas pela ciência e o progresso foram se perdendo, despedaçando: “A liberdade da escassez, da necessidade, da arbitrariedade e das calamidades naturais seria, com o domínio científico da natureza, o coroamento de um amplo processo civilizatório.” (MAGNOLI, 2006). De 1972 a 1992, as questões ambientais saltaram para o primeiro plano das relações internacionais. Surgiu e popularizou-se a expressão “desenvolvimento sustentável”.

O momento chave na transformação da agenda ambiental em um dos eixos de grande relevo da política internacional foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92), no Rio de Janeiro. Mesmo que em textos de caráter genérico, reafirmou-se a soberania nacional sobre o patrimônio ambiental; associou-se o desenvolvimento sustentável à erradicação da pobreza; explicitaram-se as responsabilidades diferenciadas dos países desenvolvidos; condenou-se a discriminação comercial justificada em considerações ambientais. O plano abrangente e de longo prazo da Agenda 21 dedicou-se às relações entre meio ambiente e pobreza, saúde, comércio, dívida externa, consumo e população.

Além dessas novas relações, a ECO-92 gerou três tratados globais. Em texto final bem mais limitado do que se pretendia, tratam-se dos biomas de florestas na declaração de *Princípios para a Administração Sustentável de Florestas*. O direito soberano dos Estados sobre os recursos biológicos existentes em cada um dos territórios foi reconhecido na *Convenção sobre Diversidade Biológica*, firmada por 156 Estados. Os países tropicais da América Latina, África e Ásia aparecem no topo da biodiversidade, pois os climas quentes e úmidos são favoráveis ao desenvolvimento de número maior de espécies animais e vegetais. A *Convenção sobre Mudanças Climáticas Globais*, cuja pesquisa científica se iniciou em 1988, através do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), é o núcleo do novo tratado sobre o clima (1997), objeto do Protocolo de Kyoto. (MAGNOLI, 2008).

A metáfora da ecologia nem sempre leva em conta a maior sofisticação teórica atual; incorporar a presença do caos, do acaso e da contingência é parte de esforços nas análises deste início de século. A ideia de “adaptação” vem se transformando em “coevolução” por via da compreensão da natureza em permanente movimento e transformação ao longo do tempo; afastam-se as teorias deterministas que adrede se levantaram. Repensam-se “[...] as interações entre os sistemas sociais e os sistemas naturais, e as consequências dessas interações para ambas as partes, ao longo do tempo”. (PÁDUA, 2010, p. 98).

O uso **metafórico, como figura de linguagem** do termo ecologia, presta-se à caracterização das condições atuais de existência; prolonga-se até a arte, nos modos de produção, exposição, reprodução, difusão e recepção, que tem expandido os parâmetros que serviam para definir as práticas artísticas. Escrevendo sobre arte em mídias digitais, Santaella (2010, p. 233) desenvolve:

[...] a ideia de que vivemos em um tempo de efervescente pluralismo nas artes e na cultura, um pluralismo resultante da simultaneidade, da coexistência de todos os materiais, técnicas, gêneros, espécies e metodologias de produção artística do passado e do presente que convivem, misturam-se, separam-se, complementam-se, opõem-se, atraem-se e intercambiam-se de modo tal que fazem da contemporaneidade um tempo de muitos tempos. É a isso que tenho chamado de ecologia pluralista das artes e da cultura para significar a inegável tendência atual à sobreposição de camadas e de paradigmas temporais e espaciais que se sincronizam.

A autora desenvolve várias questões sobre a arte e a cultura, incluindo percepção, representação, equipamentos e linguagens, que me parecem muito importantes. Além de não ser o momento adequado, eu não seria capaz de selecionar, resumir, avaliar os aspectos básicos principais e... acrescentar!

A MUDANÇA DE CONTEXTO

Uma geração de jovens livres cresceu com a liberdade da Constituição de 1988, aclamada como Constituição Cidadã após longo e escuro período de ditadura militar; apostou-se em um vigoroso processo de democratização, cientes que na democracia se ganha e se perde. Foram reivindicadas e ainda continuam a ser, em 2015, conquistas importantes na ampliação de direitos, na inclusão social de milhões de brasileiros com novo patamar de renda e um novo perfil de estabilidade econômica; renova-se a disposição de afirmação de nossa soberania no diálogo com as demais nações – consagram-se novas práticas de cidadania, fixa-se **o espaço público** como arena política; tem-se a esfera pública e o espaço público **para atuar**, e a esfera privada e o espaço privado **para disciplinar, para regular**. Incorpora-se a Política Nacional do Meio Ambiente; são previstos investimentos em educação e infraestrutura, atrasados há décadas; promete-se a superação das grandes carências sociais e o aperfeiçoamento dos serviços públicos. Os eleitores são jovens: nesta condição os valores republicanos e o modelo federativo serão importantes em suas pautas.

Uma geração de jovens urbanos, jovens nascidos ou crescidos urbanos. Conhecem a imbricação entre construção e cidade. Ainda na década de 1980, profissionais “progressistas” estimularam a autoconstrução e a invasão de terras distantes do núcleo urbano, conectados ao resto da cidade por precários ônibus. O viés deste conjunto de ações viria facilitar a especulação imobiliária nos espaços entre o “centro” e a “periferia”. Moradia é o lema até hoje!! Porém, as pessoas que se urbanizaram querem trabalho, educação, saúde, serviços... isto é a cidade! Simplesmente por moradia não precisariam sair de suas regiões. Além de urbanos, transformaram-se em cidadãos: em suas mentes e ações, as decisões sobre as formas de apropriação do território.

Uma geração de jovens digitais, uma geração de jovens nascidos ou crescidos digitais. Têm consciência de que esta forma de vida contemporânea possui outras exigências – e estas precisarão ser buscadas, analisadas, esclarecidas, associadas, verificadas entre os inúmeros fragmentos de informação pelos quais somos, a todo tempo, bombardeados. Comenta Pondé (2013) que é capacidade humana produzir riqueza como forma de civilização. Essa riqueza-civilização não é apenas material, mas moral e existencial. Toda essa tecnologia, que registra tudo em *iPhones* e *iPads*, que vai de celular a cirurgias cardíacas, custa, e muito! Não cai do céu... Muitas vezes já se tem ouvido explicar que o(s) motivo(s) pelo qual muitas nações são pobres, miseráveis, atrasadas, enterradas em crime e fome, está em causas geográficas ou culturais ou religiosas ou étnicas. Não, não. A diferença está num modo de organização política e

social específico, que cria condições para as pessoas buscarem livremente seus interesses. E quem produz riqueza somos nós, em nosso cotidiano.

IMAGINÁRIO

Imaginários urbanos manifestam-se em diferentes dimensões: físicas, sociais, econômicas, políticas, culturais. Uma multitude e diversidade de perspectivas e de posições subjetivas influenciam os imaginários. Todas as cidades são palimpsestos de experiências reais e de memórias preservadas. Subentendem práticas espaciais que incluem a arquitetura e o planejamento urbano, a administração e gestão, trabalho e lazer, políticas públicas, cultura e diversos aspectos do cotidiano.

Perceber e detectar a multiplicidade de opiniões, aspirações, comportamentos e ações faz lembrar Ítalo Calvino em *Cidades invisíveis*. Porém, muito, muitíssimo da experiência do viver cotidiano se dá de forma visível, por movimentos na esfera urbana, no reconhecimento do espaço da paisagem em todas suas interações. Um imaginário urbano diz respeito, primeiro e preponderantemente, à maneira pela qual seus habitantes individualizam, percebem a própria cidade como lugar da vida cotidiana; é sempre e inevitavelmente um espaço social envolvendo identidades – como as imagens digitais de uma pessoa – e subjetividades, diferenciadas pelas particularidades de origem, gênero, idade, religião, educação, renda. Um imaginário urbano é a imagem cognitiva e somática que conosco carregamos dos lugares em que vivemos, trabalhamos, nos recreamos...

O imaginário é, de fato, também material; carrega consigo a materialidade. Imaginários urbanos incluem a realidade das cidades; são suas paisagens. Estas também carregam diferentes dimensões físicas, sociais, políticas, culturais. Não se referem somente à imaginação (aqueles lugares com que sonhamos!?). Evocar, formar, representar imagens; o que pensamos sobre a cidade e a maneira pela qual a percebemos informam os modos pelos quais nela agimos e pelos quais ela se apresenta e, portanto, se **configura**.

A expressão “globalização”, divulgada entre 1989 e 1991, no encerramento da Guerra Fria, parecia, na ocasião, explicar todos os fenômenos econômicos e políticos. Mas ela era bem mais antiga: desde os séculos XV-XVI, e, manifestamente, mais patente no século XIX. Basta lembrar a Feira Mundial no Palácio de Cristal de Londres, em 1851, e as outras, muito comentadas, que prosseguiram na primeira metade do século XX. Até hoje, manifestações com esse caráter se mantêm sob a forma de Jogos Olímpicos, Copas Mundiais, Jornadas e, mesmo que em públicos mais limitados, Mostras de Arte, Megaeventos e Megashows, Festivais, Bienais e as diversas feiras de automóveis, produtos eletrônicos.

A diferença que caracteriza os acontecimentos atuais está na conectividade instantânea, nas mentes e na realidade, em nova escala, para cada vez maior número de pessoas. À compressão no espaço e no tempo – característica da contemporaneidade –, paradoxalmente, como consequência dessa mesma compressão, vem também uma mudança de percepção.

A popularidade das Feiras do outro século, as novas tecnologias e os movimentos globais foram acompanhados pela expansão da imaginação. (HUYSSSEN, 2008). Não se pode negligenciar que as Feiras Mundiais (que a Europa denominava Feiras Universais!) não focalizaram somente futuros urbanos e tecnológicos; promoveram e facilitaram encontros entre o Ocidente e as demais partes do globo. De certa forma, anunciaram a compressão do tempo e do espaço nas diferentes dimensões físicas, sociais, econômicas, políticas e culturais – mesmo que, para muitos, pretendessem simplesmente demonstrar a superioridade do Ocidente, que o tempo questionaria.

Desde que se divulgou a expressão “globalização”, na virada do século XX, foi preponderantemente associada às economias, às tecnologias da informação e à política; em alguns setores, de forma menos intensa, associou-se aos direitos humanos. Mesmo que alguns autores – como Manuel Castells, Edward Soja e David Harvey – tenham tornado os processos da globalização mais compreensíveis e visíveis, as dimensões culturais das transformações urbanas não foram reflexões particularmente enfatizadas pelo Ocidente. Pelo fato de as cidades serem centros de distribuição de bens e serviços, nas muitas manifestações em textos sobre a globalização, hierarquias mundiais, centrais, periféricas, estabeleceram o lugar de cada uma face à sua influência na rede de interdependências e complementaridades.

Na avaliação de pessoas e mercadorias circulando por infraestruturas (rodovias, hidrovias, aerovias, dutos, ferrovias) e a informação por sistemas de telecomunicações transferindo capitais, não seria possível deixar de subentender também os **intercâmbios culturais**. E, nessas divulgações das cidades globais, e independentemente das intenções daqueles que refletiram e propuseram as diferentes hierarquias, a “cidade global” transformou-se em *slogan* para as mais diversas “vanguardas”, mesmo que ignorando aspectos vitais da experiência da vida urbana. Característico é o simbolismo ligado ao “mais alto edifício”. Nessa “onda” se constroem as Torres Petronas (Kuala Lumpur), Pudong (Shangai) e as Torres Gêmeas de Nova York são reconstruídas em novo desenho. Nessa pretendida onda de modernidade fica a torre Burj Dubai, em Dubai, em altura ainda não superada; provavelmente outros surgirão nesse tipo de “vanguarda”!!

A história do processo de cada sociedade na apropriação do território, procurando identificar as diferentes dimensões culturais, sociais, políticas, é abordagem indispensável a refletir. Caminho para compreender a globalização em suas inflexões específicas para com as culturas nacionais, regionais e locais. Iluminar as tensões do incorporar as dimensões; focalizar a dinâmica de similaridades e diferenças. São processos e relações complexos, não tão evidentes e óbvios. Estão sempre impregnados do passado, pelo menos, desde a própria descoberta de cada país e seu andar histórico, social e político, cuja percepção se imprimiu em práticas culturais manifestas por diferentes dimensões. São singularidades de suas gentes que, em cada área de estudo e trabalho, deverão encontrar seus próprios conteúdos e competências.

A globalização iniciada no século XVI com o Novo Mundo de Colombo, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, mudou as relações e os tempos das trocas, das comunicações; alterou as experiências de vida em cada um dos diferentes tempos. As configurações

dos espaços foram acumulando transformações; das carroças puxadas a cavalo e das galeras, naus e veleiros da época, para os aviões a jato do final do século XX, se mudaram, ampliaram e se multiplicaram mais que velocidades e trocas. **O imaginário se alterou.**



Torres Petronas, em Kuala Lumpur, Malásia.
Foto: Silvio Macedo – 2006



Pudong, em Xangai, República
Popular da China.
Foto: Ana Paula Marques – 2010



Novo World Trade Center, em Nova Iorque, EUA.
Foto: Silvio Macedo – 2014



Torre Burj, em Dubai, Emirados
Árabes Unidos.
Foto: Ângela Ledesma – 2012

O Brasil nasce moderno, com cidades modernas em cada uma das épocas em que se estabelecem. São sempre cidades muito novas em relação às cidades europeias, porém, sempre ligadas ao setor mais moderno da economia: em um mundo pré-industrial, estabelecem-se como empresas industriais, particularmente relacionadas à indústria e à indústria exportadora, ligadas ao capitalismo mundial. As introduções transcontinentais de espécies vegetais são bem-sucedidas – sugerem o plantio em grandes extensões e levam à criação e ao desenvolvimento de tecnologias próprias a cada caso. O açúcar e os engenhos são emblemáticos: é montada, na produção e escoamento, toda uma atividade industrial, complexa, mecanizada e avançada para o período. Basta lembrar, como investimentos lucrativos no globo, o açúcar e o tráfico de pessoas nos séculos XVI e XVII, cacau no século XVIII, borracha no século XIX e o café nos séculos XIX e XX.

DESAFIOS

Paisagem é uma ideia de conjunto, que não se pode isolar – imbricada. Não se pode simplesmente lidar com a arquitetura da edificação, só com o planejamento urbano, só com os espaços livres. Não se pode simplesmente lidar com uma das suas dimensões. Não podemos compartimentar, em nenhuma escala; a interdependência é da essência, é do processo de criação e construção da paisagem. Aquele processo de acúmulo de tempos – geológico e histórico – sobre os espaços sempre teve todos os seus constituintes inter-relacionados.

A paisagem urbana brasileira revela profundas desigualdades sociais e regionais, bolsões de pobreza e carências evidentes. A trajetória histórica da apropriação do território reproduziu um modelo excludente no ciclo da modernização industrial. Esta apoiou-se sobre o êxodo rural e a oferta de mão de obra barata para os setores econômicos urbanos; o país passou de agroexportador rural a um país urbano e industrial ligado ao mercado interno. Hoje se precisa, cuidadosamente, lidar com a inserção do país nos fluxos da globalização contemporânea. Sob o aspecto espacial, o mercado interno unificado soldou regiões produtivas com características desiguais.

As cidades, sua rede urbana, eixos de circulação e redes de comunicação, enfrentam graves questões: de saneamento, problema principalmente de saúde pública, educação universal em todos os níveis, incorporação de alternativas energéticas, degradação do espaço público, principalmente nas metrópoles, de segregação da alta renda (condomínios fechados, muros...) e da baixa renda em “periferias” (narcotráfico e crime organizado). Não basta constatá-las, fotografá-las...

Por outro lado, a insistência em cada vez mais ampliar a visibilidade da pior violência urbana em todos os meios de comunicação de massa, sem apontar soluções, sem levantar as questões inerentes à cidadania, incorpora um imaginário discutível, que não contribui para o urgente debate sério, com a necessária e indispensável ação e pronta aplicação das múltiplas políticas públicas.

Cada época cria seus modelos de visão; cabe também pensar nos modelos para cada “povo-território”? É impressionante a facilidade com que se insere na vida cotidiana



Loteamentos fechados vizinhos a Campinas, São Paulo, SP.
Foto: Silvio Macedo – 2013

de nossas gentes o modo novo de comunicação por celulares, redes sociais, *tablets*. Motivos históricos fizeram com que o povo privilegiasse mais a oralidade, a memória, as imagens do que a escrita; no seu dia a dia, as relações entre palavras e imagens, as linguagens visuais, sonoras e verbais tem estado emaranhadas em misturas pouco claras e ainda, talvez, pouco estudadas.

Pensando no desenho, na linguagem do novo, deveríamos lidar mais com outras habilidades perceptivas e cognitivas? Quais são as habilidades perceptivas e cognitivas

desse novo modo de comunicação? Quais operações mentais, perceptivas e sensoriais guiam esse leitor que dispõe de novos suportes eletrônicos? Quais as implicações em nossos desenhos quando se **desafiam** os sentidos de **localização, permanência e duração**?

A rede social se alia ao espaço público – o virtual se manifesta na materialidade do espaço – a cidadania é potencializada pela Internet – **A permanência, a memória, a imagem nos tempos do cotidiano humano – ruas, tecidos urbanos, árvores.**

Tahrir, Taksim (*que já fizeram parte do sonho da primavera árabe*) no Brasil são milhares de pessoas conectadas pelas redes sociais do século XXI, ocupando no país, em muitos Estados, em muitas cidades, as ruas, o espaço público.

Taksim: símbolo turco da força do espaço público. A praça, o parque, as ruas, arena para visões de mundo conflitantes: a visão impositiva do líder inflexível e a visão de baixo para cima, pluralista, desordenada, predominantemente jovem, onde são muitos aqueles que expressam livremente sua tristeza, sua alegria, suas visões políticas e sociais. As comunidades virtuais se conectam pelas redes sociais mas o espaço público – material – mesmo que seja bastante pequeno, caótico, se revela fundamental, indispensável e poderoso... “derruba uma árvore, levanta um povo”. (PAMUK, 2013).

A decisão governamental de arrasar o parque Gezi – vigília realizada pela família de Orhan Pamuk em 1957 contra o corte de uma castanheira de 50 anos de idade (ele conta em **Istambul**, livro de memórias publicado em 2007; Companhia das Letras). Certo dia, a Prefeitura, para alargar a rua, decidiu derrubar a árvore. Conta ele que “[...] governadores autoritários e burocratas presunçosos ignoraram a oposição do bairro”. Prossegue com o revezamento da família para, durante dia e noite, quando se previa o corte, montar guarda. Além de proteger a árvore, escreve: “[...] criamos uma memória compartilhada que a família toda ainda recorda com prazer e que nos une.” Em artigo divulgado pela *Folha de São Paulo* (2013), acrescenta:

Hoje a praça Taksim é a castanheira de Istambul e deve continuar a sê-lo. Vivo em Istambul há 60 anos e não posso imaginar que haja um único morador da cidade que não tenha pelo menos uma recordação vinculada de algum modo à praça [...] me enche de esperança e confiança ver que o povo de Istambul não vai abrir mão nem de seu direito de promover manifestações políticas na praça nem de suas memórias sem lutar. (PAMUK, 2013).

○ Brasil desenvolveu no cerrado tecnologias adaptadas às condições tropicais; são novas variedades próprias para determinadas latitudes, plantio direto, introdução da segunda safra no mesmo ano agrícola sem irrigação, integração lavoura-pecuária-floresta. Este modelo brasileiro de agricultura tropical, desenvolvido nas últimas décadas, enfrentando as muito difíceis condições de produção nos cerrados, só foi possível na medida em que se podia contar com “ganhos de escala”. A escala de produção é elemento fundamental para o sucesso da atividade agropecuária em condições tropicais. É importante a dimensão do espaço, a “continentalidade”.

Esse “novo” cerrado é um campo cultivado por soluções desenvolvidas com cada vez mais ciência e tecnologia; não é um elemento do meio natural. É indústria: biotecnologia e serviços agrônômicos especializados; é o resultado dos muitos anos de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Distingue-se da indústria na matéria-prima: esta são seres vivos; seu desenvolvimento depende dos processos naturais.

Este não é o “verde” que muitos veem ao observar a agricultura. Até muitos arquitetos fazem essa leitura! Sem clareza na percepção do **visível**, sem discernimento entre a **aparência** e a **essência** dos processos, sem compreensão do significado da ciência e tecnologia.

Como compreender e interagir com as singularidades nacionais de tropicalidade, continentalidade, interculturalidade, oralidade, empreendedorismo (sempre de mão dupla, com seus benefícios e prejuízos)? Como lidar com as duas faces destas diversas singularidades?



Dunas de Genipabu, Natal, RN, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 1992

À beleza, exuberância e diversidade de florestas, praias, cataratas, pantanal, parques nacionais e reservas, cidades históricas e uma multiplicidade de diferentes cidades, com seus charmes e problemas – além do cosmopolitismo tupiniquim de São Paulo –, somam-se as inúmeras manifestações do **simbólico, do lírico** desta singular população: musicalidade, colorido e aquarelas da cultura – contém as possibilidades de **potencializar o “nômade”**. Carrega consigo a capacidade de potencializar uma miríade de diferentes atividades e formas de trabalho, em diversos níveis de preparo e

habilidades. Ainda neste texto, observamos que o povo brasileiro, na apropriação do território, constitui uma história de nômades em busca de oportunidades, de empreender, em formas provisórias de existência, enfrentadas com perseverança, esforços de aptidão e habilidade – em uma jornada de vida construída pelas próprias capacidades.



Dunas no litoral da Bahia, BA, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2012



São Paulo, SP, Brasil.
Foto: Silvio Macedo – 2014

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Litoral do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2001, 288 p.

_____. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 159 p.

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009. 92 p.
- ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura na era digital-financeira:** desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo: Editora 34, 2012. 368 p.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à história contemporânea.** São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1964.
- CALDEIRA, Jorge. **História do Brasil com empreendedores.** São Paulo: Mameluco, 2009. 336 p.
- CALVINO, Ítalo. **Le città invisibili.** Torino: Einaudi, 1984. (Publicação original: 1972).
- CRUZ, Olga. **A Ilha de Santa Catarina e o continente próximo:** um estudo de geomorfologia costeira. Florianópolis: UFSC, 1998.
- GOULD, Stephen Jay. **Seta do tempo, ciclo do tempo:** mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 224 p.
- _____. **Darwin e os grandes enigmas da vida.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HUYSEN, Andreas (Org./Edit.). **Other cities, other worlds:** urban imaginaries in a globalizing age Durham. London: Duke University Press, 2008. 336 p.
- JANK, Marcos; PESSOA, André. O modelo brasileiro de agricultura de alta escala. **O Estado de São Paulo**, 7 mai. 2013, A2.
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface:** como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 190 p.
- LOW, Setha; SCHELD, Suzanne; TAPLIN, Dana. **Rethinking urban parks:** public space and cultural diversity. University of Texas Press, 2005. 219 p.
- MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria:** imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora UNESP/Moderna, 1997. 318 p.
- _____. **O mundo contemporâneo.** 2 ed. São Paulo: Atual, 2008. 336 p.
- _____. **Geografia para o ensino médio.** 2 ed. São Paulo: Atual, 2012. 688 p.
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. Um panóptico, metamorfoses e a paisagem. In: **Discutindo a paisagem.** São Carlos: Rima, 2006, p. 1-27.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Revista Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, jan. 2010, p. 81-101.
- PAMUK, Orhan. **Istambul.** Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 400 p.
- _____. Uma árvore, um parque. **Folha de S. Paulo**, 9 jun. 2013, Ilustríssima, p. 6.
- PONDÉ, Luiz Felipe de Cerqueira e Silva. Dior not war. **Folha de S. Paulo**, 5 de ago. 2013, Ilustrada, E10.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil:** 1500/1720. São Paulo: Pini, 2000a. 300 p. (2 ed. revisada e ampliada).
- _____. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/FAPESP, 2000b. 414 p.
- RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros.** São Paulo: Editora 34, 2007. 440 p.
- _____. **A cidade no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2012. 368 p.
- SACKS, Oliver. **A ilha dos daltônicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 288 p.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 360 p.
- _____. **A ecologia pluralista da comunicação:** conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010. 400 p.
- _____. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. 376 p.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 696 p.
- SCHWARTZ, Gilson. A intimidade em rede vale ouro. **Mundo – Geografia e Política Internacional**, ano 8, n.1, mar. 2012, p. 2-3, HC.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI:** no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 144 p.